

Carlos Maduro

O PADRE INÁCIO MONTEIRO, ENTRE A RUPTURA E A CONTINUIDADE

RESUMO

O presente artigo pretende retratar o perfil do P.^e Inácio Monteiro, um homem culto, de espírito moderno e pioneiro dos estudos científicos em Portugal. É também este o momento para abandonar as imagens por vezes estereotipadas do jesuíta missionário, pregador, confessor dos reis ou mesmo homem cortesão, envolvido em maquiavélicas intrigas palacianas. Inácio Monteiro mostra, de forma muito peculiar, uma outra perspectiva da Companhia de Jesus; diga-se, em abono da verdade, conhecida dos diferentes estudiosos da Ordem de Santo Inácio, mas também convenientemente esquecida e oportunamente ignorada. A partir da leitura de um pequeno conjunto de textos de referência da obra deste jesuíta, é possível traçar o mapa do estado da arte dos estudos científicos em Portugal aquando da expulsão dos homens da sotaina negra pelo Marquês de Pombal.

Palavras-chave: jesuítas; Pe. Inácio Monteiro; Ilustração; Marquês de Pombal.

THE PRIEST INÁCIO MONTEIRO, BETWEEN THE RUPTURE AND THE CONTINUITY

ABSTRACT

paper aims to address the profile of Father Inácio Monteiro, a literate man, of modern spirit and a pioneer in scientific studies in Portugal. This is also the moment to abandon stereotyped images of the missionary Jesuit, preacher, confessor of the kings or even a courtier man, involved in Machiavellian palatial intrigues. Inácio Monteiro shows, in a particular way, another side of the Society of Jesus; which was, strictly speaking, known to the different scholars of the Order of Saint Inácio, but also conveniently overlooked and timely ignored. From the reading of a small set of reference texts of the work of this Jesuit, it is possible to draw a map of the currentness of scientific studies in Portugal at the time of the expulsion of the Jesuits by the Marquis of Pombal.

Keywords: Jesuits, Fr. Inácio Monteiro, Enlightenment; Marquis of Pombal.

FRAY INÁCIO MONTEIRO, ENTRE LA RUPTURA Y LA CONTINUIDAD

RESUMEN

El presente artículo pretende retratar el perfil del Fr. Inácio Monteiro, un hombre educado, espíritu moderno y pionero de los estudios científicos en Portugal. Este es también el momento de abandonar las imágenes a veces estereotipada del jesuita misionero, predicador, confesor de los reyes o incluso el hombre cortesano, implicado en maquiavélicas intrigas palaciegas. Inácio Monteiro muestra, de manera muy peculiar, otra perspectiva de la Compañía de Jesús; justo es decirlo, conocida por diferentes estudiosos de la Orden de San Ignacio, pero también convenientemente olvidada y oportunamente ignorada. A partir de la lectura de un pequeño conjunto de textos de referencia de la obra de ese jesuita, es posible asignar el estado del arte de los estudios científicos en Portugal sobre la expulsión de los hombres de la sotana negra por el Marqués de Pombal.

Palabras clave: Jesuitas; Fr. Inácio Monteiro; Ilustración; Marqués de Pombal.

Monteiro foi «moderno» entre os Modernos, a despeito da roupeta que envergava e deve ter deixado no espírito dos seus alunos muitas interrogações heréticas à luz das doutrinas da sua Ordem.

(Rómulo de Carvalho)

INTRODUÇÃO

Uma proposta de trabalho desafiadora para um tema sempre atual, onde ainda há muito por dizer; num tempo em que, fazendo homenagem à Companhia de Jesus, há cada vez mais espaço para o contraditório e para a procura da verdade, propõe-se a exemplaridade da vida e do pensamento do P.^o Inácio Monteiro como paradigma da ruptura e da continuidade.

Quando os jesuítas, no texto introdutório que foi apresentado para esta reflexão coletiva, são considerados os precursores da globalização, não só sob o ponto de vista geográfico, mas também do ponto de vista histórico, é justo que se promovam iniciativas deste gênero, a fim de que, num tempo global por excelência, não haja uma leitura dos acontecimentos, tantas vezes condicionada pelas correntes filosóficas, políticas ou culturais de uma determinada época, mas pela leitura multifacetada dos acontecimentos, como multifacetado é todo o mundo contemporâneo.

No texto que agora se propõe, no perfil do P.^o Inácio Monteiro, provavelmente será esquecido o sacerdote e o clérigo piedoso para dar lugar ao homem culto, de espírito moderno e pioneiro dos estudos científicos em Portugal. Das imagens por vezes estereotipadas do jesuíta missionário, confessor dos reis ou mesmo homem cortesão, envolvido em maquiavélicas intrigas de corte, Inácio Monteiro mostra um outro lado da Companhia de Jesus, diga-se, em abono da verdade, por todos bem conhecido mas convenientemente esquecido ou ignorado.

Efetivamente, ao leitor habituado dos registos biográficos deste e de outros jesuítas, pouco ou nada deveria ser motivo de admiração e de espanto, limitar-se-ia a dar continuidade à longa tradição inaciana, sendo em si mesmo o produto de uma formação solidamente alicerçada no projeto educativo da *Ratio Studiorum*¹. Admita-se, no entanto, que sendo a mesma Companhia

formada por tantos homens com personalidades tão distintas e objetivos tão diferentes, alguns motivos terá havido para que os religiosos da sotaina negra também fossem identificados com o passado e com a recusa sistemática em aceitar a modernidade que representavam os estudos científicos.

Efetivamente, para um jesuíta, e muito mais ainda para um religioso com o perfil de Inácio Monteiro, o primeiro passo que der será sempre o da continuidade. Ele jamais aceitará a laicização da sociedade em que vive e, quando contesta o livre uso da razão, dificilmente pode conciliar-se com o espírito enciclopedista que caracterizava o Iluminismo. No entanto, a grande novidade e lição que se pode encontrar na vida e na obra deste religioso, e de tantos outros do seu tempo, reside na capacidade de conciliar a fé e a obediência com clarividência em relação ao mundo e ao tempo em que viveram.

Negar a força do pleno uso da razão na obra de Inácio Monteiro, única simplesmente porque não fez uso do seu livre arbítrio, será faltar à verdade. É, por isso mesmo, de inteira justiça que seja considerado como um homem de ciência, aberto ao mundo e aos novos tempos que vinham sendo anunciados, no mais genuíno sentido do termo, um homem da Universidade.

O Jesuíta Inácio Monteiro torna-se assim em símbolo de ruptura porque também ele percorreu os novos caminhos das leis da física, da matemática e levou as novas formas de olhar as realidades que nos cercam além-fronteiras. A cegueira daqueles que o perseguiram e obrigaram a ensinar nas universidades estrangeiras, a exemplo do que tantas vezes sucedeu ao longo da história e ainda hoje acontece, é terramoto terrível que nenhuma construção de pedra consegue emendar. A suposta clarividência de uns redundou no desperdício do capital humano do país em nome duma modernidade que procuravam ansiosamente encontrar no estrangeiro, não conseguindo enxergá-la dentro das fronteiras do país.

A Companhia de Jesus encontrava-se, neste tempo, num processo natural de reorganização dos seus métodos de ensino e de aprendizagem, nomeadamente nas áreas que se prendiam com a matemática, física, geografia, cartografia, biologia, medicina ou linguística². A informação corria pelos colégios da Companhia com

uma rapidez que nenhuma outra instituição de ensino conseguia alcançar; cortar este elo de ligação poderá ter significado um retrocesso significativo no avanço científico de Portugal. Este é um assunto ainda tabu em determinados círculos de pensamento e carece ser estudado com isenção³. Em nenhuma época da história como a de hoje se teve uma percepção tão clara da importância da troca de informação e da rapidez com que ela é realizada; repercutir esta valoração no Iluminismo português é uma reflexão válida que pode contribuir para um melhor entendimento dos atrasos sistematicamente atribuídos aos mesmos atores.

2. CONTINUIDADE E RUPTURA, UM MOVIMENTO INTERNO E NATURAL À ORDEM DE SANTO INÁCIO

O valor de um homem e o mérito da modernidade que legou aos seus discípulos não devem em momento algum ser ignorados, como também não deve ser ignorada a herança que recebeu daqueles que o antecederam. No caso concreto de Inácio Monteiro e da Companhia de Jesus, terá sido incontornável um longo processo de uma autêntica revolução científica que vinha sendo realizada no decorrer dos séculos XVI e XVII.

A ruptura, quando corretamente entendida, é um momento de viragem de um processo que vem amadurecendo, sujeitando-se ao decorrer do tempo. Apesar do ensino identificado com a escolástica fazer parte dos métodos pedagógicos dos Colégios, a matemática também integrava os estudos e a curiosidade face ao novo mundo e à consequente exigência do conhecimento dos inúmeros fenômenos da natureza obrigava a que mestres e alunos, com uma visão equilibrada do homem e da natureza, estivessem atentos às novas ideias que circulavam pela Europa.⁴

Desejar as rupturas e censurar a continuidade significa além do mais ignorar a história. Na verdade, todas as épocas tiveram tempos de luz e tempos de trevas. Isolar a Idade Média na escuridão significa ignorar os conhecimentos que nos legaram os grandes mestres da matemática, da geografia ou da história das escolas de Paris, que lugar então para Abelardo? Confundir trevas com escolástica e Aristóteles não significa também

esquecer o renascimento e a ruptura que trouxe em relação à época medieval? Não terá sido o humanismo uma das maiores rupturas da história? Esse mesmo humanismo que depois é apelidado de cavernoso entre a Companhia de Jesus.

Ao tempo de D. João V, a situação de Portugal era comparável com outras épocas históricas, resultado da periferia e do contexto social e religioso em que sempre viveu. Um discurso e desejo de modernização, de maior abertura em relação ao resto da Europa, apesar de legítimo, manteve também as marcas de uma retórica repetida que ultrapassou inclusive a plena integração na União Europeia. Independentemente dos discursos políticos de circunstância, no caso específico dos monarcas absolutistas, apesar de existirem os meios para realizar mudanças significativas, cometeram-se erros inequívocos em alguns dos métodos utilizados. Com efeito, o absolutismo, no momento em que concentrava o poder nas mãos de uma pessoa, também concentrou aí os ódios, as vinganças e os estereótipos contra todos aqueles que se apresentavam ou se suspeitava de que eram opositores.⁵

Toda a discussão daqui resultante é conhecida, atribuindo-se à Universidade Portuguesa um particular atraso nos estudos científicos, agravado pelo domínio que a Companhia de Jesus exercia no ensino. O texto relator que ainda hoje faz eco desta contenda, incontornável quando se aborda a situação do ensino em Portugal, é *O Verdadeiro Método de Estudar* (1746) de Luís António Verney⁶. Como oportunamente constata Miguel Corrêa Monteiro, nem tudo seria motivo para crítica e censura, mandaria a verdade que houvesse uma conhecimento mais detalhado da importância que as numerosas academias tiveram ao longo dos séculos XVII e XVIII⁷, bem como a relação dos estudos realizados nas principais ordens religiosas, nomeadamente entre os franciscanos, teatinos, oratorianos, congregação de S. Filipe de Néri e jesuítas.⁸

Pode passar pelo campo das hipóteses tecer considerações acerca do grau de conhecimento que homens como Inácio Monteiro tiveram dos mestres do grande movimento científico europeu. São de referência os trabalhos que pensaram este tema, particularmente nos círculos de estudos ligados ainda hoje à Companhia e Jesus, através das revistas *Brotéria* e *Revista Portuguesa*

*de Filosofia*⁹. Não se pretende, por isso mesmo, com esta exposição, trazer nada de novo, mas unicamente aprofundar a proposta que foi apresentada para esta reflexão de conjunto e de debate entre o que foi a continuidade e a rutura.

Citando o P.^e João Pereira Gomes, referindo-se a toda a Companhia: “A sua atitude, em meados do séc. XVIII, perante os novos gostos e tendências, é a de simpatizantes inteligentes e de ativos colaboradores¹⁰”. Estava subjacente a esta atitude a “filosofia eclética”, ou a escola dos ecléticos, também ainda conhecida por escola peripatética moderna.

Segundo os poucos conhecimentos que há acerca destas escolas da Antiguidade, muito ligadas ao estudo da medicina, o método que seguiam era aparentemente muito simples, procuravam aproveitar o melhor que houvesse das diferentes escolas. É também longa e muito completa a relação fornecida por Miguel Corrêa Monteiro e pelo P.^e João Pereira Gomes acerca dos vários jesuítas que um pouco por todo o país foram seguindo este modo de pensar ou, para ser mais precisos, modo de agir, pois não seriam poucas as vezes em que afirmavam e escreviam publicamente uma coisa e poderiam pensar exatamente o seu contrário.¹¹

Afinal de contas, que escola filosófica poderia servir melhor aos homens da sotaina negra habitados que estavam a escolher sempre entre o melhor de dois mundos; essa era sem dúvida a experiência de vida que tinham, lembre-se o paradigma inaciano P.^e António Vieira, entre a selva e corte; a cela do colégio e os salões dos negócios do reino; ou nas grandes disputas teológicas acerca da evangelização, os ritos locais, os rituais romanos e a natureza do pecado entre os povos indígenas. Quando em 1755, Manuel Pinheiro deu um curso de Filosofia em Évora, falando das várias seitas filosóficas ensinava assim os seus alunos em relação à seita dos ecléticos: “seita daqueles que não querem jurar nas palavras dum único mestre, mas que abraçam o que julgam mais conforme à verdade¹²”. Não fosse a fidelidade ao melhor de dois mundos, no caso jesuítico à Companhia de Jesus, à Igreja de Roma, ao Papa e à verdade, e teriam caído com toda a naturalidade todos os discípulos de Manuel Pinheiro no que de pior poderia atingir a sociedade do tempo, o livre arbítrio.

Talvez que no pensamento de muitos dos contemporâneos de Inácio Monteiro, a exemplo do que sucede hoje em dia, modernidade implique afirmações sonantes de reação, acompanhadas por vezes de manifestações públicas com mais ou menos elevado grau de violência. Também para este jesuíta português ruptura não seria forçosamente cortar laços com toda filosofia que estava para trás, particularmente com a filosofia aristotélica, preferiam chamar-lhe nova filosofia aristotélica, uma continuidade com ajustes aos novos problemas que se colocavam corresponde à imagem que comumente dão os soldados inacianos.

Em meados do século XVIII, pode então afirmar-se que, nomeadamente na Companhia de Jesus, a linha que distinguia o filósofo do cientista era, por vezes, muito tênue. Nem todos abraçaram as ciências do mesmo modo, mas por volta de 1750 já não há jesuítas que se possam enquadrar no grupo dos peripatéticos antigos, são eles mesmos que se autodenominam peripatéticos modernos. Como defende o P.^e João Pereira Gomes: “Havendo, pois, entre os Jesuítas tanta variedade de posições, não se justifica o costume de a todos chamar peripatéticos, sobretudo quando por peripatéticos se entendem aqueles antiquados filósofos que os mesmos Jesuítas criticavam¹³”.

Compreende-se assim a contenção por parte de um número muito significativo de homens cultos, com espírito moderno e atualizado, na forma como lidaram com os conhecimentos mais atuais e a forma como os expunham, muito particularmente na referência aos grandes nomes da revolução científica e àqueles que diretamente entraram em confronto com a Igreja e com a autoridade papal. Acresce ainda referir que, nesta contenda acerca dos estudos científicos no Portugal de setecentos, é lugar comum atribuir o atraso lusitano à Igreja, considerando-a responsável pelo ensino ministrado nas universidades e nas restantes escolas por ela tuteladas. Ainda que esta consideração corresponda em parte à verdade, sendo inegável uma presença muito forte das ordens religiosas no ensino universitário, também não deve ser ignorado o ensino ministrado nos colégios, particularmente nos colégios da Companhia de Jesus, onde havia um espaço menos controlado pelas diferentes autoridades civis e eclesiásticas, proporcionador, por isso mesmo,

de um ensino mais moderno e atualizado. A revolução científica terá sido, assim entendida, como um fenómeno em parte extrauniversitário, em contraponto ao ensino ministrado nas universidades, com uma vertente mais conservadora.¹⁴

Qual o contributo que a ruptura na continuidade de Inácio Monteiro pode trazer para um correto entendimento do estado da arte da Revolução Científica em Portugal no séc. XVIII é também aquilo a que se propõe esta abordagem. Efetivamente, entre os comentários desta época e comentários posteriores, tantas vezes motivados por questões políticas e por regulamentos universitários e o trabalho individual dos homens singulares, no isolamento dos gabinetes ou das celas conventuais, parece haver um enorme distanciamento entre o que oficialmente se dizia que era ensinado e o que efetivamente se conhecia e aprendia.

No caso específico do P.^e Inácio Monteiro, nem tão pouco se pode falar de conhecimento restrito ao espaço da cela ou da sala de aula, o ato da publicação, sujeito a licenças prévias, torna o conhecimento público e conforme aos cânones das diversas autoridades que o validam através da obra científica publicada. A quanto obriga a subjetividade política que levava Verney a afirmar em carta acerca de Inácio Monteiro: “O autor, diz, é um escolástico, que começa a balbuciar nas coisas modernas e mostra em tudo ser um jesuíta português. Quero dizer, tem uma tintura das coisas modernas e dos autores, de quem quer fazer gala sem necessidade, mas, a cada passo se mostra noviço na matéria”¹⁵. Convenhamos que o comentário dirigido aquando da publicação da obra de fundo de Inácio Monteiro, a *Philosophia Libera*, em 1761, seria mais justo se fosse dirigido à primeira publicação, *Compendio dos elementos de mathematica* (1754), era então o autor ainda estudante de teologia em Coimbra.

Na opinião de Verney, os ditos autores modernos, quando estudados, ficavam sujeitos à superficialidade, não havia uma opinião crítica por parte dos professores e consequentemente dos alunos. Continuava Verney: “Copiou de quatro jesuítas – dois alemães, Khell e Zanchi, e dois franceses, Regnault e Castel – alguma coisa menos má, e ainda de outros seculares que ele não entende”¹⁶. O P.^e João Pereira Gomes dá uma resposta

muito oportuna a este comentário de Verney, interrogando-se acerca do motivo pelo qual o Barbadinho é tão ligeiro a indicar os nomes dos jesuítas que supostamente Inácio Monteiro copiava, mas omite os nomes dos seculares, talvez por que lhe não conviesse citar a longa lista de autores que faziam parte do seu conhecimento e do estado da arte.¹⁷

A prova de que Inácio Monteiro, assim como tantos outros mestres, não tinha uma postura passiva e acrítica perante as novidades deste século das luzes pode ser exemplificada no modo como eram abordadas as questões relacionadas com a ótica. Acerca deste estudo, escreve Arthur Feitosa Bulhões:

Em uma das primeiras seções do livro, intitulada “Elementos de óptica”, o autor procede a uma exposição resumida e didática das teorias aristotélica, cartesiana e newtoniana da luz, revelando conhecimento das então três principais concepções sobre o tema. Ao emprestar ao texto seu próprio posicionamento, parece concordar com Descartes, afirmando que “podemos supor como certo que a luz consta de matéria e movimento como prova a experiência”.

Entretanto, ao finalizar seu resumo das três principais teorias, Monteiro confessa sua original indecisão diante das duas teorias modernas. Ele revela que, até certa altura, sentiu-se mais atraído pela teoria newtoniana, mas que, posteriormente, acabou dissuadido por demonstrações que teriam provado a sua falsidade [...];

O escrito de Monteiro nos permite, assim, tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, o paralelismo estabelecido entre as três teorias, sobretudo a newtoniana e a cartesiana, mostra, para além do grau de atualização da discussão empreendida por Inácio Monteiro, a já aqui comentada especificidade do contexto português: a recepção simultânea das teorias de Descartes e Newton e o estabelecimento de um novo debate contrapondo as duas.¹⁸

Pode então concluir-se que continuidade e ruptura não é um processo de fácil conciliação, por isso é que aqueles que o não entendem são propícios aos movimentos revolucionários, com o objetivo de antecipar o que é desejável. A continuidade e a ruptura também implicam um processo de discussão e de confronto que se prolongam ao longo do tempo, sujeitos a uma evolução mais lenta e com outros processos de maturação. Dentro da Companhia de Jesus, são inúmeros os exemplos, anteriores inclusive aos alvares do Iluminismo.¹⁹

Invocando a autoridade de Silva Dias no estudo *Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI a XVIII)*, publicado em Coimbra em 1953, afirma-se que em 1759, quando foram expulsos de Portugal, os jesuítas “estavam em dia com os conhecimentos científicos e achavam-se integrados no ambiente filosófico do setecentos”²⁰. A propósito da recente publicação da *Obra Completa do Padre António Vieira* (2013), sob a chancela do Círculo de Leitores, Carlos Fiolhais, a quem competiu a supervisão desta obra no que aos assuntos científicos dizia respeito, escreve no blog *De Rerum Natura*, a propósito da intervenção que fez no simpósio internacional *Revisitar Vieira*, realizado na Universidade de Coimbra em janeiro de 2016:

O Padre António Vieira (1608-1697) não foi decerto um cientista. Mas conhecia suficientemente bem a ciência da sua época, a brilhante época da Revolução Científica onde pontificaram nomes como os de Galileu Galilei (1564-1642) e Isaac Newton (1643-1727), pela preparação que adquiriu no Colégio da Bahia dos jesuítas como pelas numerosas leituras que efetuou ao longo da sua extensa vida (citou, nos seus escritos, entre outros Nicolau Copérnico, Tycho Brahe, Johannes Kepler e René Descartes). Acima de tudo procurava extrair exemplos da ciência para o seu discurso catequético e profético. Mas forneceu também algumas contribuições para a ciência ao deixar registos de observações de cometas e de outros eventos astronómicos.²¹

3. O P.^E INÁCIO MONTEIRO INTERLOCUTOR PRIVILEGIADO NA RECEÇÃO DO ILUMINISMO EM PORTUGAL.

É neste contexto que o P.^e Inácio Monteiro assume um papel de particular destaque nos estudos científicos desenvolvidos em Portugal, apesar de ter passado, lamentavelmente, a maior parte da vida na Itália.

Nascido a 16 de janeiro de 1724, em Lamas, diocese de Viseu, ingressou no Noviciado de Évora a 8 de fevereiro de 1739. Depois de percorrer as diversas etapas dos estudos no seio da Companhia de Jesus, em 1747-1748, aprofunda os estudos em matemática, ainda em Évora, orientado pelo P.^e Manuel Mendes e pelo P.^e Tomás Campos. Terá depois passado pelo Porto e, no ano escolar de 1750-1751, muda-se para Coimbra, onde vai concluir os estudos teológicos e, simultaneamente, ensinar matemática. Conclui o curso de Teologia em 1755, mas já em 1754 havia publicado o tomo I do *Compêndio dos Elementos de Mathemática*. Passará ainda como docente por Santarém.

Estando destinado ao ensino superior, muito provavelmente a lecionar em Coimbra ou em Évora, é preso em Santarém e deportado para a Itália. É de supor que, a esta data, Inácio Monteiro já dispusesse de um considerável espólio de escritos, como também será de supor que não tenha conseguido levar consigo tudo quanto tinha organizado até ao momento. Em qualquer dos casos, causa admiração que em 1761 tenha pronta a sua obra de filosofia reservada às ciências.

Desde que chegou à Itália até ao ano da morte, em 1812, concluindo meio século de exílio, a biografia de Inácio Monteiro pode resumir-se a uma palavra, um académico. Os documentos consultados por Miguel Corrêa Monteiro localizam-no alternadamente em Ferrara e em Bolonha, com uma atividade editorial regular e desempenho de cargos de responsabilidade dentro da Universidade, onde foi Prefeito de Estudos na Universidade de Ferrara.

Lúcio Craveiro da Silva, no seu artigo de referência, *Inácio Monteiro, significado da sua vida e da sua obra*, depois de o situar no seguimento de uma longa lista de jesuítas atentos à evolução dos estudos ditos modernos, apresenta em simultâneo o percurso biográ-

fico e bibliográfico, baseado em registos, muitos deles inéditos, onde é possível perceber uma proximidade muito assinalável entre o autor e a obra.²²

Homem de consensos, atento, estudioso e conhecedor do pensamento mais moderno e atualizado que circulava pela Europa, rejeita liminarmente os fanatismos e as atitudes de todos aqueles que confundiam ideias e opiniões diferentes com perseguições e violências de toda ordem. Ele mesmo sofreu as consequências destas atitudes e deste modo de olhar o mundo, mas não se conhecem textos nem reações que entrem em contradição com tudo o que defende nas suas obras.

Como refere Antônio Martins, um homem marcado por uma ideia de razão baseada na busca permanente da verdade, uma verdade revelada e uma verdade percebida, que não se pudessem negar mutuamente, sob pena de deixarem de ser verdades²³. Um pensamento de particular atualidade para o mundo de hoje, quando grupos supostamente representantes de uma parte considerável da humanidade querem impor uma verdade revelada como a única forma de ler o mundo e de o habitar.

Tomando também o pensamento de Alberto de Andrade, Inácio Monteiro apresenta-se como uma figura relevante do Iluminismo português, na medida em que tem uma consciência clara do verdadeiro valor deste movimento²⁴. É com esta chave de leitura que se propõe a revisitação de dois textos chave para a compreensão do pensamento deste ainda ilustre desconhecido da Ordem de Santo Inácio. Tal como é referido na nota explicativa aos *Textos de Inácio Monteiro*: “A melhor maneira de se conhecer o pensamento de Inácio Monteiro é tomar contacto direto com as suas Obras²⁵”.

Propõe-se deste modo um comentário aos dois textos mais citados e provavelmente mais marcantes e paradigmáticos do modo iluminista de encarar o mundo e a educação: a *Carta à Juventude Portuguesa* e o prefácio à *Philosophia Libera*. O primeiro texto é indispensável para entender o plano que orientou a organização dos sete tomos que constituem esta obra, pensada em Portugal, mas publicada no exterior; o segundo texto constitui-se numa excelente autobiografia do autor e fornece elementos incontornáveis para o entendimento do moderno método pedagógico de Inácio Monteiro, intimamente ligado aos princípios da filosofia eclética.²⁶

3.1 Carta à Juventude Portuguesa

Enviada do exílio, a 28 de fevereiro de 1761, quando se encontrava a viver em Ferrara, na Itália, tem como assunto principal todo o processo de gestação e realização da sua obra magna, quando ainda residia em terras lusitanas. Por outras palavras, em Portugal estudou e aprendeu com os seus mestres; na Pátria teve discípulos com quem trocou ideias e experiências, ensinou e deixou seguidores. Inácio Monteiro deixava claro que nada recebia da Itália a não ser a hospitalidade e o título que atribui a si próprio de cosmopolita, um destino que lhe caiu em sorte pela providência humana, que frequentemente é exercida pela força. Devolvia assim à terra que o vira nascer, em troca de uma sólida formação, uma perspetiva moderna e renovada da pedagogia, sentido de serviço e fidelidade ao ensino e à Universidade próprios dos grandes mestres:

Penso que, à distância de tempo e de lugar, em que vivemos, e depois dos acontecimentos, de que fostes testemunhas, não haverá entre vós quem não espere esta obra, dedicada a vós, de regiões tão longínquas e dada à estampa para proveito vosso.

Este trabalho concebi-o, como sabeis, quando vivia no meio de vós, em Portugal, outrora nossa pátria comum; lá o empreendi, o levei a cabo e vo-lo anunciei claramente.²⁷

O texto prossegue com a explicação detalhada e justificação pela qual as várias disciplinas da Filosofia foram sendo organizadas e sequencializadas ao longo dos sete volumes. No momento em que aborda o método utilizado, particularmente em relação às ciências naturais, não deixa de ser surpreendente a perspetiva de Inácio Monteiro, dentro do mais genuíno pensamento iluminista e abertura ao mundo e às coisas.

Seguidamente, exponho em várias lições o espaço, o tempo, as propriedades dos corpos, sua grandeza, divisibilidade, inércia, leis gerais da natureza, essência e causa dos movimentos, com as várias espécies – direto, reflexo, refratado – as forças, elasticidade,

moleza, atrito e outras coisas do mesmo teor. Tudo isto é sempre acompanhado com fenómenos da natureza e da história natural, para amenizar a doutrina e acomodá-la à vossa capacidade.²⁸

Amenizar será uma palavra muito relevante no pensamento do Jesuíta, um ensino ameno não deve ser o ensino autoritário; dentro da mais moderna pedagogia, o ensino deverá ser sinónimo de encantamento por tudo que nos rodeia. Em momento algum desta carta o mestre questiona o saber escolástico, por outras palavras, o conhecimento dos autores e das letras. Essa não era a questão que deveria preocupar um verdadeiro homem moderno do século das luzes. A questão era outra, como poderia alguém apelidar-se homem dado às letras e aos livros permanecendo fechado ao espanto e ao maravilhamento do mundo e do universo tornados também eles livros permanentemente abertos. Referindo-se ao volume dedicado à física, o 3º, escreve:

Todo este espetáculo admirável – livro sempre aberto aos olhos dos mortais – os fenómenos nesta parte expostos, a tal ponto impelem o espírito à sua contemplação e conhecimento, que fico pasmado como pode haver homens dados às letras, que ignorem tais estudos.²⁹

A referência às diversas áreas do saber é tão vasta que não deixa de criar admiração. Das matérias que constam do volume VI, acerca do ar, do fogo, da gravidade, entre outras, refere-se, nesta parte da física, o “tema tão recente e tão atual, como é a eletricidade natural e artificial”³⁰. O Vol. VII, a última parte da física, abordará ainda temas como o estudo das plantas e da anatomia do corpo humano (circulação do sangue, da respiração e das funções sensitivas). Neste campo, mostra-se particularmente atualizado nos estudos da ótica, referindo as teorias dos filósofos mais conhecidos.

Em jeito de desabafo, confrontado com a magnitude do mundo e a grandeza dos livros, os segundos aparecem como porto seguro face ao primeiro. Inácio Monteiro mostra assim o carácter do verdadeiro iluminista no reconhecimento humilde da sua pequenez face aos mistérios da natureza. Como muito bem refere,

seria pedante todo aquele que dissertava abundantemente sobre aquilo que desconhecia.

Aqui tendes na íntegra um curso completo de Filosofia Natural. Trata-se de obra, em cuja elaboração, para vos falar com sinceridade, caros jovens, muitas vezes desanimei, a ponto de por mais de uma vez haver tomado a resolução de arrojá-la ao fogo quanto escrevera. Embora eu gostasse sempre muito das ciências matemáticas, da História Natural e da Filosofia, e as cultivasse segundo a exiguidade do meu talento, e embora quase nunca ponha de parte os livros, a não ser contra vontade, contudo tão grande se me afigura a dificuldade do assunto, tão extensa a matéria, requer-se tal erudição e domínio de tantas ciências em quem hoje queira escrever sobre filosofia, que é para desencorajar qualquer espírito, por audaz que seja, e para lhe tirar toda a vontade de escrever.

Nunca vos admireis assaz, de que haja filósofos tão pedantes (e são inúmeros) que, apesar de ignorarem as obras, que acabo de mencionar, e muitos outros tratados de Matemática, de Filosofia Natural (sobre a qual tanto escrevem), apesar de desconhecem tantas obras de História Natural e tantos sistemas filosóficos, quer antigos quer modernos, no entanto apregoam nos quatro ventos, que hão de escrever sem dificuldades sobre ciências naturais; igualam em bazófia a sua ignorância crassa.³¹

Anunciava ainda à Juventude Portuguesa que tinha preparados muitos outros papéis, mas a saída apressada de Santarém impedira que pudesse levar consigo outras matérias que tinha preparadas.³²

Prefácio ao Leitor [*De Philosophia Libera*]

Não menos importante para o entendimento do pensamento do P.º Inácio Monteiro é a análise do Prefácio ao Leitor da obra “*De Philosophia Libera*”. É um prefácio num tom autobiográfico, onde o religioso iniciano começa por fazer algumas confidências, assina-

lando que a obra é o reflexo dos seus interesses muito pessoais e o resultado de um aturado trabalho nas matérias da Física e da Matemática. Insinuando alguma rebeldia e desvio do estudo e da leitura de todos os filósofos célebres do tempo, o jovem jesuíta, curioso e de espírito aberto ao tempo, declara neste prefácio: “o amor das ciências e das artes e o desejo de me instruir a mim próprio naquelas disciplinas que, por essa altura, eram justamente tidas em maior consideração”.³³

Segue-se uma espécie de cartão de identidade filosófico, destinado a que não restem quaisquer dúvidas em relação ao seu pensamento e filiação intelectual. A importância dada a este aspecto não deixa de ser pertinente e particularmente significativa para se entender o momento conturbado como foi vivenciado este século das luzes. Pertencer a uma determinada escola filosófica, nas próprias palavras de Inácio Monteiro, seria vestir “uma indumentária” com que alguém se apresentava em cena a Filosofia.

Que indumentária Inácio Monteiro e muitos outros religiosos da Companhia de Jesus foram obrigados a vestir é motivo para grande interrogação deste século XXI e do próprio autor. Talvez que aos olhos dos seus perseguidores, neste tempo das luzes, a indumentária dos homens da sotaina negra fosse algum dos “desvairados caminhos” que o próprio refere que precisou de percorrer ao longo dos estudos. Ele mesmo identifica a sua escola de formação referindo: “Apenas transpus o limiar da Filosofia, tive por mestre um peripatético das fileiras aristotélicas, e nessa doutrina me formei”³⁴. Contudo, admitir este cartão-de-visita como marca de formação dos homens de Santo Inácio só pode acontecer por má-fé ou por ignorância. Para uma significativo número de jesuítas, para não dizer a grande maioria, será difícil encontrar uma definição que melhor caracterize o espírito jesuítico e o próprio movimento iluminista: “O meu temperamento, porém, é não me deixar levar nem por facciosismo (a não ser que eu muito me iluda), nem pela autoridade das pessoas, quando se trata de razões; gosto, acima de tudo, da liberdade de espírito; e só sujeito a minha inteligência e vontade em matéria de fé religiosa”³⁵.

Na mais genuína tradição jesuítica, que se pode apelidar do *Homo Viator*, seja viajando pelo mundo, como o fizeram tantos, quer viajando pelos livros e

pelo pensamento humano, Inácio Monteiro vai falando de todos os filósofos com o já referido encantamento que nunca é prisão. As expressões utilizadas são particularmente esclarecedoras. De Aristóteles, deseja ter “o espírito bem isento”, “havia muitas coisas que não me satisfaziam”, “Depois deixei Epicuro e o sistema dos Atomistas, com o qual não concordava em muitos pontos”. De Descartes afirma: “muitas coisas há verdadeiras e muitas também claramente falsas”; “Mandei, portanto, passar Descartes, Gassendo, Epicuro e Aristóteles, pelo menos por algum tempo, e peguei em Newton”.³⁶

Termina este prólogo apresentando-se à juventude como filósofo eclético. Note-se, porém, que esta identificação não é de somenos importância, tendo em conta o público a que se destina. Poder-se-ia ir um pouco mais longe e afirmar que é em si mesma uma provocação. Vários paralelismos poderiam ser feitos em relação a outros documentos da época destinados à juventude portuguesa e à renovação dos métodos de estudo. Não é este o momento para fazer essa comparação, mas não será exagero afirmar que essa era uma das intenções de Inácio Monteiro ao centrar este prólogo à volta desta temática, colocar-se numa posição mais vanguardista do que aquela em que supostamente pretendiam afirmar-se outros mestres e religiosos que passavam a ocupar então as novas cátedras, dentro do processo de renovação pensado para os estudos das universidades portuguesas. As palavras de Inácio Monteiro tinham destinatários e não seriam unicamente os jovens, quando afirma:

Vi-me, ora peripatético, ora atomista, cartesiano e newtoniano; e, feita tão arriscada experiência, entendi que todos eles ensinavam algumas verdades, que muitíssimas coisas eram duvidosas e falsas, e que a verdade não era apanágio de nenhum sistema: todos os sistemas humanos sabiam mais a humanidade a preconceitos dos homens, do que à verdade da natureza. Vi que era prudente os filósofos que, isentos de facciosismos, não se enfeudam a nenhuma escola nem a nenhum jugo intelectual, seja de quem for, antes preferem a liberdade de palavra e de pensamento e cultivam uma filosofia eclética, isto é, livre, como se fosse uma república da razão”³⁷.

Três décadas antes, estaria o humilde jesuíta português a antecipar o que viria a ser o culto da razão em plena Revolução Francesa, que transformara as maiores catedrais de França em templos da razão? É evidente que não, a festa da razão de Inácio Monteiro é de outra índole, nem os seus superiores o permitiriam e muito menos os tribunais da Inquisição, pois até mesmo Robespierre levou à guilhotina os principais inspiradores deste movimento. A república da razão de Inácio Monteiro olha única e simplesmente a natureza, o mundo e o universo que o cerca, jamais interferindo no espírito e na fé. Uma lição por vezes difícil de entender e de explicar, mas de uma modernidade que é a todos os títulos digna de ser enaltecida. A história mostrou que foram necessários séculos, juntamente com o testemunho de outros homens de exceção, para que esta separação das águas entre a fé e natureza / universo se tornassem no reverso de uma mesma moeda. Já em pleno século XX, mas ainda com limitações de vária ordem no desenvolvimento do seu trabalho de cientista, Teilhard de Chardin partilha ainda das mesmas preocupações do seu antepassado distante da Província Portuguesa da Companhia de Jesus:

A controvérsia, no plano científico, entre materialistas e espiritualistas, entre deterministas e finalistas, dura ainda. Após um século de disputa, cada partido firma-se nas suas posições e apresenta ao adversário razões sólidas para nelas se manter.

Na medida em que posso compreender esta contenda, em que me achei pessoalmente envolvido, parece-me que a sua persistência resulta menos da dificuldade com que depara a experiência humana em conciliar na Natureza certas aparências contraditórias de mecanismo e de liberdade, de morte e de imortalidade, que da dificuldade encontrada por dois grupos de mentalidades em se colocarem num terreno comum. Por um lado, os materialistas obstinam-se em falar dos objetos como se estes consistissem senão em ações exteriores, em relações de «transigência». Por outro lado, os espiritualistas teimam em não sair de uma espécie de introspeção

solitária em que os seres não são considerados senão como fechados sobre si mesmos, nas suas operações «imanescentes». Tanto uns como os outros batem-se em dois planos diferentes, sem se encontrarem; e cada um dos grupos contendores vê apenas metade do problema.³⁸

A lição da modernidade de Inácio Monteiro, depois de deixar devidamente separadas as águas, prossegue na apologia do estudo da natureza e do que chama as “verdades físicas”. Este seria o espaço efetivamente das grandes descobertas; pois que o espaço das verdades do espírito humano e da revelação estava praticamente desvendado através dos grandes filósofos, teólogos e dos génios das diferentes artes.

Nesta filosofia, não se forjam hipóteses nem se deduzem teses, ao arbitrio de filósofos ou sobre princípios e sistemas preconcebidos e ultrapassados; antes cultiva-se a natureza e deduzem-se as verdades físicas das suas mais recônditas entranhas: vendo, observando, fazendo experiências no mar, na terra, nos vales, nos montes, perscrutando cuidadosamente a natureza nas grutas, analisando escrupulosamente os elementos físicos, é que a filosofia se aprende. Numa palavra, não se recolhem testemunhos dos homens, mas da natureza; nem se procede por opiniões de filósofos, mas por experiências devidamente comprovadas, por observações e demonstrações.³⁹

Esta natureza como grande livro aberto, mestra de todos, já havia sido intuitivamente sugerida pelo génio do Poeta quando, perante o espanto dos fenómenos atmosféricos que surpreenderam os marinheiros portugueses na desconhecida viagem do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, escrevia: “Vejam agora os sábios na escritura / Que segredos são estes de Natura!” (*Lus.*, V, 22). Do grande palco do teatro do mundo herdado do barroco, que tanto apaixonou poetas e prosadores, a uns chamou particularmente à atenção o espetáculo das paixões humanas. Ao P.^o António

Vieira, por exemplo, moveu o mundo dos homens e das intrigas políticas, ainda que tivesse deixado vários registos de encantamento pelo mundo físico, como se verificou em relação ao gosto que tinha pela astrologia; a Inácio Monteiro, sem que com isso se pretenda ignorar o cumprimento estrito das obrigações religiosas e da vida em comunidade, a ligação ao mundo físico é tão intensa que o mesmo parece ficar desabitado, regido unicamente pelas leis físicas: “Todo este teatro universal da natureza, sob orientação constante da razão e da Geometria, faz as vezes de livro e de mestre” .⁴⁰

A clarividência quanto ao evoluir do pensamento humano é de tal forma equilibrada que permite a conjectura de uma visão quase perfeita de tudo em que veio a tornar-se o desenvolvimento científico e tecnológico atuais. Para o Jesuíta, o conhecimento humano, num plano espiritual, se assim se quiser chamar, refletido na arte, atingiu a plenitude, os homens de hoje poderão igualar os antigos, mas não os superaram. Nem tampouco o homem de hoje será melhor ou pior do que os antigos, antes o resultado do tempo histórico em que nasceu e das circunstâncias que o rodearam. Mais uma vez, muito tempo antes de Ortega y Gasset, o bom senso do humilde religioso inaciano antecipava a máxima que se tornou célebre: “O homem é o homem e suas circunstâncias”. Efetivamente, um entendimento tão simples e tão natural da história e do mundo teria evitado tantos mal entendidos e tantos retrocessos civilizacionais.

Não é que eu despreze a antiguidade e ponha os modernos nos píncaros da lua, ou considere os antigos filósofos como prodígios, como quem só sabe louvar o passado e menosprezar tudo o que é novo e moderno. Cada qual tem direito a merecido louvor, e não pequeno: isto concedê-lo-á facilmente quem ler com espírito imparcial os antigos e os modernos; sem dificuldade alguma verá que há muitas manifestações literárias e artísticas, em que os antigos levaram a palma, como na eloquência, na poesia, na pintura e nalgumas outras artes. Mas noutras ciências, como na Física ficam inteiramente aquém dos modernos; de tal modo que já se tornou proverbial dizer-se:

“Somos mais sábios do que os antigos.

Mas, para que estou a perder mais tempo? Numa palavra: se Deus nos transportasse aos tempos dos Gregos e dos Romanos, e os Gregos e Romanos aos nossos tempos, também eles realizariam por si o que nós agora fazemos.⁴¹

CONCLUSÃO

As limitações inerentes a estes estudos coletivos não permitem uma abordagem mais ampla quer das obras quer dos autores. Neste caso concreto, é caso para dizer com toda a exatidão que estudo não foi além do prefácio.

Diga-se também, em abono da verdade, que a partir deste ponto, o P.^o Inácio Monteiro já não pertence aos historiadores, filósofos ou tampouco aos seus irmãos da Companhia de Jesus a quem, muito justamente, se deve reconhecer o mérito de não o terem deixado cair no esquecimento. O Jesuíta, neste século XXI, merece fazer parte dos estudos introdutórios das diferentes ciências, como se pode verificar pelo breve levantamento bibliográfico realizado.⁴²

Em suma, o reconhecimento do pioneirismo e do valor científico pelos seus pares será a homenagem mais justa e a melhor forma de reconhecer o avanço e atualização dos estudos científicos em Portugal aquando da expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus.

Talvez Rômulo de Carvalho não tivesse compreendido bem o espírito que animava os homens da sotaina negra; na admiração pelo homem, manifesta nas palavras com que se iniciou esta exposição, deixa transparecer o preconceito pela Ordem de Santo Inácio. Talvez tenha faltado ao cientista a visão do poeta António Gedeão e poderia ter dedicado com toda a razão a Inácio Monteiro os inesquecíveis versos da *Pedra Filosofal*:

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

(António Gedeão)

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, António Alberto Banha de, “Inácio Monteiro e a evolução dos estudos nas aulas dos Jesuítas de Setecentos”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, pp. 289-304.

_____. “Inácio Monteiro, figura relevante do iluminismo português”, in *Contributos para a Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981, pp.33-36.

CARVALHO, Rómulo, *A física experimental em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

CHARDIN, Pierre Teilhard, *O Fenómeno Humano*, 3ªed., Porto, Livraria Tavares Martins, 1970.

DIAS, José Sebastião Silva, *Portugal e a cultura europeia (sécs XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953.

BERNARDO, Luís Miguel, “Concepções sobre a natureza da luz no século XVIII em Portugal”, in *Revista da SBHC*, n. 19, 1998, pp. 3-12;

_____. *História da Luz e das Cores*, Vol. 1. Porto, Editora da Universidade do Porto, 2009.

BULHÕES, Arthur Feitosa de Bulhões; Marília de Azambuja Ribeiro, “Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal”, in *História Unisinos*, 18(1), janeiro-abril 2014, pp. 27-34. <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.181.03>, [acedido em 22 de maio de 2016].

CAEIRO, José, S.J., *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, 3 vols., Lisboa Editorial Verbo, 1999.

CALAFATE, Pedro, (Dir.), *História do Pensamento Filosófico Português* (As Luzes), vol. III, Lisboa, Editorial Caminho, 2001.

FERREIRA, João Palma Ferreira, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

FIOLHAIS, Carlos, in *De Rerum Natura*, <http://dererummundi.blogspot.pt/2016/01/vieira-e-ciencia.html>, [acedido em 22 de maio de 2016].

FRANCO, José Eduardo; Henrique Leitão, *Jesuítas, ciências e cultura*, Lisboa, Esfera do Caos, 2012.

LEITÃO, Henrique Leitão (org.), *Sphaera mundi: A ciência na Aula da Esfera. Manuscritos científicos do Colégio de Santo António nas coleções da BNP*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2008, pp. 45-70.

MARTINS, António, “Para uma análise da filosofia de Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, pp. 267-288.

MIRANDA, Margarida, *Código Pedagógico dos Jesuítas*, Lisboa, Esfera do Caos, 2009.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Inácio Monteiro (1724-1812), um jesuíta português da dispersão*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

MONTEIRO, Inácio, “Textos de Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, p. 305-322.

_____. *Compendio dos elementos de Mathematica*, Coimbra, Real Collegio das Artes, t.1, 1754; t.2, 1756.

_____. *Philosophia Libera seu Eclectica Rationalis et Mechanica Sensuum*, Venetiis, Typ. Antonii Zatta, 1766 (1ª ed. Em 7 ts.), 1772 (2ª ed. ts. I, II e III), 1774 (2ª ed. t. IV), 1775-1776 (2ª ed. da obra completa e aumentada em 8 ts.).

RODRIGUES, Resina. “Física e Filosofia da Natureza na obra de Inácio Monteiro”. In: *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1986, pp. 191-242.

ROSENDO, Ana Isabel. “O Compendio dos elementos de Mathematica do P. Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, LXIV, n. 2, 1988, pp. 319-353.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. V, Lisboa, Verbo, 1980.

SILVA, Lúcio Craveiro da, “Inácio Monteiro. Significado da sua vida e da sua obra, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXIX, 1973, pp. 229 –266

VERNEY, Luis Antonio Verney, *Verdadeiro método de estudar*, Valença, Oficina de Antonio Balle, 2 ts, 1746.

NOTAS

- 1 Na edição bilingue da *Ratio*, publicada em 2009, escreve José Manuel Martins Lopes na Introdução, a propósito dos princípios básicos: “Ensina-se o aluno a sentir, a compreender e a pensar por si próprio; a refletir, a julgar, a crer, a saber estudar e a saber tomar notas; a saber exprimir-se, já que a palavra é o veículo mais universal do pensamento. Por isso, o humanismo que ressalta da *Ratio* pretende uma profunda formação do homem, através, principalmente, do conhecimento e interiorização dos grandes autores e das suas obras mais significativas. O mesmo é dizer que este humanismo pretendia que o estudante “tocasse” os valores perenes da humanidade, que a História nos legou, através dos seus autores mais consagrados. Todavia, como a simples consulta das fontes demonstrava, e a história pedagógica sucessiva acabaria por ilustrar, nada na *Ratio* nos permite pensar que esses valores residissem num culto exclusivista das “letras” que não soubesse integrar todas as ciências”. Margarida Miranda, *Código Pedagógico dos Jesuítas*, Lisboa, Esfera do Caos, 2009, p. 42.
- 2 Miguel Corrêa Monteiro, no seu trabalho de fundo sobre o P.º Inácio Monteiro é claro: “O conhecimento dos princípios da pedagogia inaciana passa pela compreensão cuidadosa do discurso e do espírito da

- Ratio Studiorum*. No entanto, já no tempo do Padre Inácio Monteiro, o seu discurso parecia desadaptado face aos desafios de uma década tão polémica como foi o século XVIII. Isto não significa que o ideal humanizante da *Ratio* não fosse adequado. Alguns aspectos foram sendo renovados e adaptados por diversas Congregações Gerais, e também por intermédio dos Superiores Gerais. A *Ratio* de 1599 incluía as ciências nos seus programas, mas o realce era dado ao ensino das letras, como não poderia deixar de ser face ao atraso daquelas. Miguel Corrêa Monteiro, *Inácio Monteiro (1724-1812), um jesuíta português da dispersão*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, p. 26.
- 3 Ao “Reino Cadaveroso” de António Sérgio, pode contrapor-se o historiador incontornável Veríssimo Serrão que não aceita que o país estivesse mergulhado num “obscurantismo cultural”. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol. V, Lisboa, Verbo, 1980, pp. 414-415.
 - 4 Nas contendas que existiram entre as ordens religiosas, para além das afirmações que contribuíram para a criação de uma determinada opinião negativa, também há testemunhos que, por redobradas razões, são merecedores de crédito. Afirmava assim o insuspeito oratoriano António Soares, em 1758, que “quási todos” ensinavam a filosofia moderna à juventude. Henrique Leitão e José Eduardo Franco, *Jesuítas, ciências e cultura*, Lisboa, Esfera do Caos, 2012, p. 29.
 - 5 Ser obscurantista e retrógrado, frequentemente, também pode significar concordar ou não concordar com o poder imposto. Muito oportunamente, Miguel Corrêa Monteiro não deixa de lembrar que também em França Luís XIV proibira a leitura de Descartes. Miguel Monteiro, *op.cit.*, p. 47.
 - 6 Diga-se em abono da verdade que a correspondência do Barbadinho crítica em bloco todo o ensino em Portugal, estendendo a censura a todas as matérias. Na primeira edição de 1746, o primeiro tomo não vai além das letras, se neste capítulo estiver inserida a gramática, o estudo das línguas clássicas, a retórica, a história, geografia, incluindo também a história da filosofia. Apenas no vol. II, mais precisamente na carta X, expõe as deficiências do país no capítulo da física e da filosofia dita moderna. A carta XII trata novamente da questão da física, ligando-a à medicina e a matéria científica, sendo supostamente tão importante, deixa de ser preocupação para Verney, passando à abordagem de questões mais ligadas ao direito, ao direito canónico e à teologia. Aparentemente muito pouco quando comparado com todo entusiasmo e convicção com que Inácio Monteiro olhava o mundo e a natureza como um grande livro aberto. VERNEY, Luis Antonio Verney, *Verdadeiro método de estudar*, Valença, Officina de Antonio Balle, 2 ts, 1746.
 - 7 João Palma Ferreira, no ensaio sobre as academias dos Séculos XVII e XVIII, pela análise documental das atas, deixa a ideia de que nas diversas sessões poucas mais preocupações houvesse do que discutir poesia. Mas tal não sucedeu efetivamente, o palácio dos Condes Eriçeira reunia as mais altas figuras intelectuais do tempo e academias como a dos Discretos e Eruditos tinham nos seus debates questões relacionadas com a física. Cf. João Palma Ferreira, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.
 - 8 Cf. Miguel Monteiro, *op.cit.*, pp. 46-53.
 - 9 São de salientar os tomos XXIX, de julho-setembro de 1973, com particular destaque para o artigo do Prof. Lúcio Craveiro da Silva, que faz um comentário de referência a todo o percurso biográfico de Inácio Monteiro e o tomo LIV, de abril-junho, de 1998, com destaque para o artigo de Ana Isabel Rosendo intitulado: *O Compendio dos elementos de mathematica do P. Inácio Monteiro*. Do mesmo modo a revista *Brotéria* foi assinalando esta figura ao longo do tempo, com artigos publicados nos números 31, 38, 43, 97 e 169. Destaque para a atenção que lhe foi dedicada pelo P.º João Pereira Gomes, também ele jesuíta, ficando o essencial do seu pensamento sobre Inácio Monteiro também sintetizado na obra já citada: *Jesuítas, ciência e cultura* (2012).
 - 10 Henrique Leitão; Eduardo Franco, *op.cit.*, p. 277.
 - 11 Miguel Corrêa Monteiro e P.e João Pereira Gomes dão como exemplo a publicação em Évora das *Conclusiones ex Universa Philosophia* (1754), da autoria de Sebastião de Abreu, onde o autor não se diz eclético, mas cita em primeira mão mais de 100 autores, nomeadamente Bacon, Descartes, Malebranche, Leibniz, Newton e Locke, demonstrando implicitamente a tendência para o ecletismo, uma vez que ora está de acordo com as suas ideias ora as contraria. Miguel Monteiro, *op.cit.*, p.54; Henrique Leitão, Eduardo Franco, *op.cit.*, p.28.
 - 12 *Apud* Henrique Leitão, Eduardo Franco, *op.cit.*, p.28.
 - 13 *Ibid.*, p. 45.
 - 14 É esclarecedora retrospectiva que Marília de Azambuja Ribeiro e Arthur Feitosa de Bulhões fazem dos programas e do ensino das ciências nos colégios da Companhia, concluindo também que o atraso português, depois de lidos e estudados os programas e as diferentes publicações da época foi mais de cariz político do que pela realidade dos factos. Marília de Azambuja Ribeiro; Arthur Feitosa de Bulhões, “Os colégios jesuítas de Portugal e a Revolução Científica: Inácio Monteiro e a recepção das novas teorias da luz em Portugal”, in *História Unisinos*, 18(1), janeiro-abril 2014, pp. 27-34.
 - 15 *Apud* Henrique Leitão, Eduardo Franco, *op.cit.*, p.98.
 - 16 *Ibid.*
 - 17 Cf. *Ibid.*, p. 99.
 - 18 Marília Ribeiro e Arthur Bulhões, *op. cit.*, p. 33.
 - 19 O debate acerca do estudo da matemática pode dizer-se que era tão antigo como a ordem inaciana, importa sempre lembrar que o grande matemático e astrónomo Cristoph Clavius (1538-1612), que estudou em Coimbra no tempo de Pedro Nunes, teve de confrontar-se com outros jesuítas que negavam o valor científico da Matemática, como era o caso de Benito Pereira (1535-1610). Uma disputa que se espalhou por toda a Companhia.
 - 20 José Sebastião Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia (sécs XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1953, p. 259.
 - 21 Carlos Fiolhais, in *De Rerum Natura*, <http://dererummundi.blogspot.pt/2016/01/vieira-e-ciencia.html>, [acedido em 22 de maio de 2016].
 - 22 Para uma informação mais detalhada sobre a biografia de Inácio Monteiro, ver Lúcio Craveiro da Silva, “Inácio Monteiro. Significado da sua vida e da sua obra”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXIX, 1973, pp. 234 – 265; Miguel Monteiro, *op. cit.*, pp. 119-347.
 - 23 Cf. António Martins, “Para uma análise da filosofia de Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, pp. 285-286.
 - 24 Cf. António Alberto de Andrade, “Inácio Monteiro e a evolução dos estudos nas aulas dos Jesuítas de Setecentos”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, pp. 298-299. O autor coloca Inácio Monteiro num plano porventura superior ao de Verney ou do P.º Teodoro de Almeida.
 - 25 Inácio Monteiro, “Textos de Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, julho-setembro, 1973, t. XXIX, p. 305.
 - 26 A tradução destes textos é da autoria do saudoso Prof. António Freire, mestre e jesuíta particularmente estimado por todos os seus alunos na Faculdade de Filosofia de Braga.
 - 27 Inácio Monteiro, *op. cit.*, p. 312.
 - 28 *Ibid.*, p. 315

- 29 *Ibid.*
- 30 *Ibid.* p. 316
- 31 *Ibid.*, pp. 316-317.
- 32 A partida dos jesuítas aquando da expulsão por parte do Marquês de Pombal foi um acontecimento dramático que continua desconhecido do grande público. Apesar de estar documentado e sobre ele se ter escrito com detalhe, tem passado ao lado do interesse e curiosidade dos grandes meios de comunicação. Ver José Caeiro, S.J., *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, 3 vols., Lisboa, Editorial Verbo, 1999.
- 33 *Ibid.*, p. 318.
- 34 *Ibid.*
- 35 *Ibid.*
- 36 *Ibid.* P. 319
- 37 *Ibid.*
- 38 Pierre Teilhard de Chardin, *O Fenómeno Humano*, 3ªed., Porto, Livraria Tavares Martins, 1970, p. 32.
- 39 Inácio Monteiro, *op. cit.*, p. 319.
- 40 *Ibid.*
- 41 *Ibid.* p. 320.
- 42 Fornecem-se alguns dados bibliográficos de estudos ligados às diversas ciências onde se pode aferir da importância destes estudos. BERNARDO, Luís Miguel Bernardo, “Concepções sobre a natureza da luz no século XVIII em Portugal”, in *Revista da SBHC*, n. 19, 1998, pp. 3-12; *História da Luz e das Cores*. Vol. 1. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2009; Henrique Leitão (org.). *Sphaera mundi: A ciência na Aula da Esfera. Manuscritos científicos do Colégio de Santo Antão nas coleções da BNP*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2008, pp. 45-70; Ana Isabel Rosendo, “O Compendio dos elementos de Mathematica do P. Inácio Monteiro”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, LXIV, n. 2, 1988, pp. 319-353; Resina Rodrigues, “Física e Filosofia da Natureza na obra de Inácio Monteiro”. In: *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1986, pp. 191-242; Rómulo de Carvalho, *A física experimental em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

O AUTOR

Carlos Alberto de Seixas Maduro é Professor do Quadro do Agrupamento de Escolas de Santa Maria da Feira. Concluiu o Curso de Teologia em 1986, no Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto. No mesmo ano, iniciou a frequência do curso de Humanidades da Faculdade de Filosofia de Braga, concluindo a licenciatura em 1991. Na Faculdade de Filosofia de Braga, defendeu, em 1999, a dissertação de mestrado *Um sermão mariano de Vieira, Maria Rosa Mística* e, em 2011, a tese de doutoramento *As cartas de Vieira, um paradigma da retórica epistolar do barroco*. Tem obras publicadas nos domínios dos estudos literários e da ficção, destacando-se: *A Corda de Judas Iscariotes, o Quinto Império do Mundo* (romance finalista do Prémio Leya 2008) e *As Artes do Não-Poder, cartas de Vieira, um paradigma da retórica epistolar do barroco*. Coordenou a edição do Tomo I (epistolografia) da *Obra Completa do Padre António Vieira*.

